

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Memos e Narrativas em tempos de pandemia da Covid-19: um estudo analítico

Handherson Leylton Costa Damasceno

Doutorando e Mestre em Educação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro dos grupos de Pesquisa LTI Digital/CNPq/UFBA e do GEPET / CNPq / IFSertão PE. Professor do IF Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro.

handhersondamasceno@gmail.com

Resumo

Em tempos de pandemia do novo coronavírus, o estudo realiza uma análise das narrativas meméticas em um grupo no Facebook, com vistas a identificar os principais temas que emergem dos memos. Fruto de uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico e descritivo, o principal argumento é que, através dos memos, os sujeitos reinventam e editam as ações humanas, dando pitadas de humor, acidez, comicidade e surpreendentes formas de ver a si e ao mundo, mas principalmente, os memos proclamam uma reconfiguração da problemática da pandemia do novo coronavírus no território brasileiro. O artigo conclui que os memos contribuem para que haja uma ressignificação de vivências, temas, sentimentos e reorganização e atualização das subjetividades individuais e coletivas no contexto da Covid-19.

Palavras-chave: Memos. Covid-19. Pandemia. Narrativas.

Memos and narratives in times of Covid-19 pandemic: an analytical study

Abstract

In times of pandemic of the new corona virus, the study conducts an analysis of memetic narratives in a group on Facebook, in order to identify the main themes that emerge from memos. As a result of qualitative research, of an analytical and descriptive nature, the main argument is that, through memos, subjects reinvent and edit human actions, giving hints of humor, acidity, humor and surprising ways of seeing themselves and the world, but mainly, memos proclaim a reconfiguration of the problem of the pandemic of the new corona virus in Brazilian territory. The article concludes that memos contribute to a new meaning of experiences, themes, feelings and reorganization and updating of individual and collective subjectivities in the context of Covid-19.

Keywords: Memos. Covid-19. Pandemic. Narratives.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição- NãoComercial-Compartilhual](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) 4.0 Internacional.

1 Introdução

Desde os mais primórdios tempos, as sociedades humanas assinalam a sua existência mediante o uso das narrativas. Não obstante, é bem comum encontrar, nas mais distintas culturas, narrativas sobre a origem do mundo, sobre a criação do homem, explicações sobre o bem e o mal, enfim, tratados sobre os mais diversos fenômenos. Por intermédio dessas narrativas se conheceu que os primeiros habitantes do Brasil, os indígenas, atribuíam a Tupã a criação do mundo. Para os antigos japoneses, o mundo tem origem no Caos, que trouxe à vida três Deidades: Ame-no-Minaka-Mushi-no-Mikoto, Takami-Musuki-no-Mikoto e Kammi-Musubi-no-Mikoto e a partir delas, tudo o que existe no mundo se formou. Já uma vertente iorubá diz que o mundo surgiu do ilê-ifê e coube a Obatalá a tarefa de criar o homem. Para alguns povos de religião africana, o mundo advém da intervenção de Olorum.

Como se percebe, a tentativa de construir, explicar e ressignificar as suas existências é tão antiga como a própria humanidade e através dessas narrativas o homem se constrói enquanto sujeito histórico e lança mão de uma série de tecnologias: a tela pétrea, cujas pinturas rupestres narravam histórias de caça, de animais, demarcaram territórios; os pergaminhos confeccionados com plantas, couro de animal, placas de argila; a criação da imprensa de Gutemberg, que oportunizou a eternização das histórias antes guardadas nas narrativas orais e até chegar ao grande fenômeno atual da Cibercultura, que fortaleceu a cultura digital e as próprias narrativas ganharam outros decalques, engendradas em telas *touch screen* de dispositivos digitais móveis.

A cibercultura, neste caso, trouxe a possibilidade de histórias serem (re)contadas utilizando um godê multifacetado de gêneros e formas. As redes sociais digitais abriram um potente espaço no qual os sujeitos têm a possibilidade de forjar suas histórias, ressignificar as suas subjetividades, buscar afirmação, consolo, humor, sexo, construir e editar um novo *ethos*, mediante as performances e pirotecnias animadas e criativas que as interfaces digitais proclamam.

Se o vernáculo dos primeiros hominídeos era construído por figuras rupestres, nas redes sociais grande parte de narrativas são realizadas por um corpus da linguagem daquele espaço: a gramática dos memes. Portanto, aos habitantes das redes sociais digitais, o uso deste gênero sem dúvida já foi incorporado ao seu vocabulário e superou a visão preconceituosa e superficial de quem não o conhece amiúde. Se antigamente as sociedades narravam e explicavam os fenômenos de maneiras outras, na sociedade hiperconectada das redes sociais digitais os memes surgem como mais uma estrutura comunicacional, com uma gramática específica, que visa manifestar as mais distintas formas de pensamentos, sentimentos e ações humanas.

Neste contexto, se os memes são utilizados com um humor debochado e irônico, muitas vezes com teor político, a fim de reclamar direitos, apontar e/ou ridicularizar ações, no contexto atual de pandemia do novo coronavírus parece que os memes despontam como mais uma alternativa dos usuários das redes sociais de assinalar insatisfações, criticar posturas e de reconstruir seus medos e sentimentos outros.

Dito isto, este estudo objetiva realizar uma análise das narrativas meméticas em um grupo no *Facebook*, com vistas a identificar as categorias temáticas que emergem deste gênero. O trabalho é fruto de uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico e descritivo e o principal argumento é que, através dos memes, os sujeitos reinventam e editam as ações humanas, dando a elas pitadas de humor, acidez, comicidade e surpreendentes formas de ver a si e ao mundo, mas principalmente, os memes proclamam uma reconfiguração da problemática da pandemia do novo corona vírus no território brasileiro.

2 Procedimentos Metodológicos

O trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa, de cunho analítico de descritivo. Assim, buscou-se uma compreensão no sentido de enxergar “[...] um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo de crenças, valores, significados e outros construtos profundos das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MINAYO, 2007, p. 22).

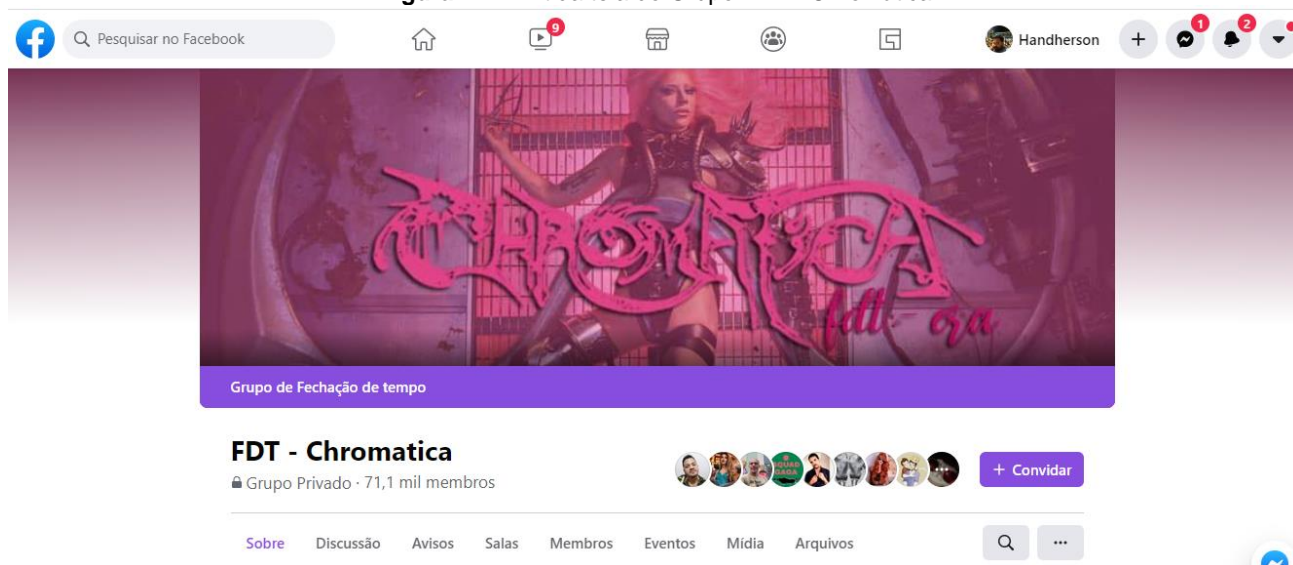
Acreditamos, pois, que a pesquisa qualitativa é a que mais se aproxima ao contexto deste trabalho, principalmente por sua natureza subjetiva, cuja análise do objeto de pesquisa não procura simplesmente apontar caminhos ou subscrever ações,

apontar resultados, mas compreender o fenômeno e por isso, “[...] reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 67).

Por lançar mão da descrição e da análise dos dados, o trabalho objetivou perceber “[...] a frequência com a qual um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com os outros, sua natureza e características, correlacionando fatos ou fenômenos sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 1996, p. 49). Assim, alguns passos foram seguidos a fim de angariar dados que compusessem o corpus de dados.

Para a construção das informações, fizemos uma imersão durante 30 dias em um grupo do *Facebook* chamado ‘FDT - Chromática¹’. A sigla significa ‘Fechação de Tempo’, uma gíria comumente utilizada pelos membros LGTBTQIA+ e se traduz como algo grandioso, que merece toda a atenção possível. O segundo nome foi tirado do álbum da cantora Lady Gaga, recém lançado.

Figura 1 – *Print* da tela do Grupo FDT - Chromática



Fonte: Facebook (2020).

O grupo tem um pouco mais de 71 mil membros e, por ser bastante movimentado, pareceu ser um terreno fértil para a realização dessa pesquisa. Muitas narrativas fotográficas, videográficas, com *gifs*, links, músicas e memes fazem a linha de tempo do grupo assumir a dinamicidade de uma comunidade bastante divertida e animada. A nossa experiência enquanto praticante cultural das redes sociais e membro efetivo do grupo nos deu condições de perceber que no contexto da pandemia do novo coronavírus, os memes se constituíram em um gênero digital bastante evocado e dada a sua natureza multimodal, polissêmica, criativa e divertida, nos pareceu ser um artefato rico em possibilidades de análise. A justificativa de imersão no grupo como membro e pesquisador indica que

[...] as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registros oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. Quais as circunstâncias históricas e movimentos de que fazem parte? Para o investigador qualitativo divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 48).

Finalmente, fizemos o *print* apenas dos memes que faziam relação com a pandemia do novo coronavírus e suas reverberações. Os horários de coleta do material foram sempre pela manhã, à tarde e à noite, em torno de 30 minutos por turno. No intervalo de 30 dias, conseguimos exatamente 112 memes. De posse do material, foi feita a leitura e análise dos memes e com base nos temas, classificamos em 5 categorias temáticas, às quais chamamos de:

¹ C.f.: Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/fdtera9/about>. Acesso em: 21 jun. 2020.

1. #Covid19BR e Home Office;
2. #Covid19BR e Isolamento Social;
3. #Covid19BR e Política;
4. #Covid19BR e Reinvenção do Cotidiano;
5. #Covid19BR e Futuro Pós-pandemia.

De posse do material, selecionamos 4 memes que melhor representaram cada uma das categorias temáticas e apresentamos na seção Resultados e Discussões.

3 Referencial Teórico

Para os transeuntes das redes sociais digitais, a palavra ‘meme’ não se configura novidade alguma. O seu uso muitas vezes extrapola o conceito inicial, a ponto de ser sinônimo de fama, de sucesso, como assinala a expressão ‘virar meme’. Em outros contextos, a palavra pode ser usada com intuito de fazer zombaria, gracejo, piada. Ocorre, que este artefato foi incorporado de maneira tão visceral na cultura dos transeuntes digitais, que além de diversos aplicativos para dispositivos móveis digitais, há um pouco mais de 10 anos a função de criar memes já é utilizada nos *smartphones*, uma vez que todos podem criar memes de si mesmos e dos outros.

Para além do teor meramente cômico, a cultura memética pode, também, gerar novas visibilidades (ALMEIDA; OLIVEIRA; SANTOS, 2019), construir reputações, forjar engajamento e reeditar novas existências no âmbito da celebração de pessoas. Dois positivos exemplos brasileiros dessa dinâmica de espetacularização dos memes é a cantora e dançarina brasileira Gretchen e a web-celebridade Inês Brasil. No caso da primeira, seu sucesso teve início no ano de 1976, sendo considerada um símbolo sexual e apelidada de ‘Rainha do bumbum’. Com o tempo, a fama se foi e a artista brasileira mudou-se para fora do país, ficando distante da mídia durante muito tempo. Mas o anonimato acabou após ser fotografada por um turista, enquanto trabalhava como garçomete em um café nos Estados Unidos.

A fotografia viralizou, a artista concedeu diversas entrevistas para jornais brasileiros e os internautas começaram a usar as fotografias antigas da cantora como memes, que foram disseminados de uma maneira tão tremenda, a ponto de ‘Rainha do bumbum’, que povoava o imaginário masculino na década de 80, assumir o posto de ‘Rainha dos Memes’, agora ovacionada pelos internautas.

Figura 2 – Meme Gretchen



Fonte: Facebook (2020).

Com o retorno da fama, participou de diversos programas de tv, *reality shows*, entrou na política, apresentou eventos e conquistou a simpatia da geração que é filha dos seus primeiros fãs. Os memes impulsionaram de tal forma a carreira da artista, que ela foi a estrela principal do clipe de uma grande cantora do popstar mundial: Kate Perry², cujo clipe ultrapassou a marca de 87 milhões de visualizações. A artista teve a sua vida profissional atualizada em função dos memes (HOECKELE, 2017).

Outra web-celebridade brasileira que ganhou notoriedade pelos memes foi a dançarina Inês Brasil. A artista tentou ingresso em um grande *reality show* brasileiro, cuja inscrição consistia no envio de um pequeno vídeo, no qual deveria ser apresentado um pouco do seu perfil. O seu vídeo não foi escolhido, mas permaneceu no site da emissora de tv. Foi descoberto e caiu na

² C.f Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X0ZVaFO7cGE>. Acesso em: 20 jun. 2020.

graça dos internautas, devido o humor, irreverência e a própria história de vida de uma brasileira que se mudou para a Alemanha em busca de uma vida melhor.

Figura 3 – Meme Inês Brasil



Fonte: Facebook (2020).

Em virtude de seus memes, Inês Brasil se tornou um ícone no mundo das redes sociais: seus memes a transformaram em uma verdadeira celebridade das redes e é bem difícil não encontrar ou conhecer algum de seus bordões. Em função disso, viajou o país inteiro fazendo shows, gravou cd's, cujas músicas estão presentes em diversas plataformas digitais, foi a programas de tv e tem sua vida e sustento como web-celebridade, sem dúvidas, graças à viralização dos seus memes e sua imagem suscita muitas discussões e formas outras de subjetividades a partir de seu corpo e sua existência (DUQUE, 2017).

Embora o meme como se conhece hoje se configure como um artefato da cultura das redes sociais, a sua gênese não é tão atual. Chagas (2016, não paginado) historiciza o conceito de meme:

O conceito de meme e o campo da memética se originam, em diferentes cronologias, a partir de uma discussão controversa da sociobiologia na década de 1970. O termo é empregado pela primeira vez de forma absolutamente despreziosa e praticamente de relance, como um desvio colateral do argumento a que se propunha o renomado etólogo Richard Dawkins. Em seu livro *The Selfish Gene*, Dawkins propunha um termo para dar conta dos processos de replicação e evolução cultural que lhe chamaram a atenção quando ele iniciou sua defesa à tese do determinismo genético. Assim como os genes eram os principais responsáveis por replicarem o conteúdo geracional na evolução biológica dos organismos vivos, talvez houvesse, ele reconheceu, uma outra unidade de replicação, diferente dos genes, responsável pela seleção e transmissão de conteúdos inscritos em nossa cultura.

Dito isto, somente nos anos 2000, mais especificamente após os estudos de Susan Blackmore (2000) a partir da publicação de *'The meme machine'* o conceito começa a se aproximar do que se conhece hoje: o meme enquanto artefato de uma cultura, com características próprias e, em um contexto propício de capilaridade, como a internet, pode ser replicado em uma velocidade meteórica. Ainda em seus estudos, Blackmore (2000) apontou a necessidade de um suporte para que houvesse a propagação dos memes. Em contrapartida, Jenkins (2009) endossou que os memes se consolidavam em um contexto próprio: a cultura da internet.

Logo, ao despontar nos terrenos da internet e das redes sociais digitais, as narrativas meméticas são potencializadas, ressignificadas e, sem dúvida, são propulsoras de construção de novas subjetividades e novas compreensões mediante o contexto em que são empreendidas e nesse sentido, "[...] um meme pode se tornar um tema gerador de autoria, interlocução, colaboração e aprendizagem" (OLIVEIRA, 2020, p. 11).

Ainda para Oliveira (2020), embora o meme apresente uma certa superficialidade das informações, por ser um gênero dinâmico, ele amplifica a velocidade dessas mesmas informações e pode, neste sentido, promover aprendizagens para além das que estão prescritas nos currículos escolares.

As narrativas dos memes se constituem potências formativas em tempos de redes sociais digitais e, no contexto da pandemia, parece que se reinventaram no sentido de garantir que através da cultura do compartilhamento, novas edições de subjetividades puderam ser construídas, reveladas e publicadas nas redes.

4 Resultados e Discussão

#Covid19BR e Home Office

O contexto da pandemia do novo coronavírus no Brasil fez emergir uma realidade pouco publicizada no cenário trabalhista brasileiro: o trabalho na modalidade “home office”. Neste formato de “escritório em casa”, a atividade laboral é realizada na própria residência do colaborador. Nele, muito embora o discurso midiático e ideológico o coloque como o futuro ou o “novo normal” do trabalho, decerto esse modelo é questionável, sobretudo, pelo potencial brasileiro ainda estar abaixo, se comparado com outros países: o Brasil ocupa a 45ª. Posição quando comparado a 85 países e dispõe de 25,65% de potencial de realização do teletrabalho. Atrélado a isso, grande parte das residências não possui infraestrutura mínima para a realização de um trabalho com qualidade: acústica, móveis, aparelhos tecnológicos, internet de qualidade, dentre outros.

Figura 4 – #Covid19BR e Home Office



Fonte: Facebook (2020).

Conforme a nota técnica de Góes, Martins e Nascimento (2020) 22,7% de postos de trabalho podem ser beneficiados com o home office. Ainda de acordo com o referido estudo, o potencial para o home office concentra-se nos profissionais das ciências e intelectuais (65%), diretores e gerentes (61%), colaboradores de apoio administrativo (41%) e profissionais de Ensino Médio (30%).

Sendo assim, mesmo diante dessa realidade brasileira não muito animadora, as narrativas meméticas assumem o protagonismo do discurso debochado e irônico, ao apresentar algumas problemáticas que emergiram a partir do trabalho *home office*: no meme A, o foco é o medo do uso equivocado dos dispositivos técnicos 'microfone' e 'camera' das salas virtuais, trazer à tona alguma fala desconcertante ou ser filmado em uma situação constrangedora.

O meme B relata uma outra realidade vivenciada por estudantes de doutoramento: o uso produtivo da quarentena para aprofundar e ampliar o escopo da tese, produto que deve ser apresentado ao final do curso *stricto sensu*. Importante apontar que o gato do meme representa o desespero daquele que seria o doutorando, quando não obteve o que dele se esperava. Um adendo necessário: bichos de estimação quase sempre são as estrelas de memes da internet.

O meme C brinca com uma realidade que pode ser bastante comum quando da realização de reuniões virtuais: a escassez de preocupação em relação à imagem. Ora, se não há a transmissão por vídeo, por que arrumar o visual? E por fim, o meme D traz a discussão sobre a mulher professora e que também é mãe: precisa ser multitarefas para dar conta de uma série de atividades: alimentar o sistema da universidade na qual dá aula, corrigir atividades dos alunos, escrever artigos, responder e-mails, acompanhar o filho pequeno, cuidar dos labores domésticos dentre tantas outras atividades, quase sempre culturalmente atribuídas às mulheres.

Sobre isso, o estudo promovido pelo *Parent in Science* (2020) aponta a perda de protagonismo das mulheres cientistas, se comparado aos homens na mesma situação familiar. Isso denota algo que a pandemia destacou: a problemática do abismo relacionado ao gênero. No entanto, mesmo diante da seriedade desse assunto o referido meme (D) condena a situação de uma forma irônica e com humor ácido.

Nessa categoria temática se pode perceber que o uso dos memes não desconsidera a gravidade da situação, tampouco se configura em um texto superficial, embora o humor e a ironia sejam elementos bastante evidenciados. Ocorre, pois, que os memes aqui utilizados acusam e ressignificam essa situação de *home office* coercitivo que grande parte dos brasileiros foi obrigada a seguir.

#Covid19BR e Política

Que a política partidária sempre foi um terreno fértil para a criação de cenas sarcásticas não é novidade. Desde os primórdios da Grécia Antiga, atores teatralizavam e ridicularizavam posturas de alguns governantes. O Brasil, especificamente na época mais sombria e sangrenta de sua trajetória - a Ditadura Militar - foi alvo de intervenções artísticas e visuais, com o intuito de, através da acidez do humor, denunciar as atrocidades pelas quais a sociedade brasileira vinha passando. À época, muitas charges eram veiculadas em jornais, panfletos e impressos ditos 'ilegais', contribuíram para que a população fosse informada e isso de uma maneira irônica.

Figura 5 – #Covid19BR e Política.



Fonte: Facebook (2020).

Quando da atualização para o contexto da Cibercultura, percebe-se que os memes também assumem essa característica: denunciar, através do escárnio, as desastrosas ações relacionadas à política. No caso dessa categoria temática, a função do meme parece que não é somente fazer zombaria, mas desmoralizar as atitudes dos governantes mediante o próprio fiasco de suas crenças ideológicas e também de seu desconhecimento diante do cenário ocasionado pelo novo corona vírus. No Brasil, para além das mais de 50 mil vidas ceifadas pelo referido vírus, o despreparo do Governo Federal diante dessa calamidade se tornou visível como letreiros de neon em uma noite escura: desde as falas do Presidente da República, que deixaram todos chocados, à rotatividade dos ministros da Saúde, chegando até aos medicamentos cuja eficácia não fora comprovada por médicos e pela Organização Mundial de Saúde (OMS), mas superestimados e defendidos pelo presidente - da cloroquina às misturas milagrosas de enxofre e alho, se viu (e se vê) de um tudo.

Logo, a fertilidade das possibilidades ubíquas e disruptivas dos memes da categoria temática “#Covid19BR e Política” se constituem elementos políticos, de denúncia e insatisfação perante o despreparo do Governo Federal no sentido de criar políticas públicas de enfrentamento contra a disseminação do novo coronavírus e, conseqüentemente, de proteção para os brasileiros.

A Figura 5 apresenta um compilado do uso político a que serviram os memes e justificam a sua escolha. Por exemplo, o meme E traz uma discussão realizada algum tempo atrás: desde os anos 90, a Organização Mundial de Saúde (OMS) sustenta a tese de que a orientação sexual não está vinculada a alguma doença. No entanto, no Brasil surgiu um Projeto de Decreto Legislativo apelidado de ‘Projeto da Cura Gay’ (BRASIL, 2011). O referido projeto fora apresentado pelo então deputado de Goiás, João Campos (PSDB) a fim de suspender a resolução do Conselho Federal de Psicologia, que proibia aos psicólogos a prática de terapias cujo objetivo fosse modificar a orientação sexual de qualquer indivíduo.

Dois anos depois, em 18/06/2013, o projeto foi aprovado pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. Contudo, 15 dias depois, em face das grandes manifestações contrárias ao projeto advindas da sociedade civil e do próprio partido do seu próprio partido, o deputado solicitou arquivamento de sua proposta.

Por conseguinte, o meme E recupera, em tom jocoso, o tema inicial do projeto que fez menção de retornar para votação na Câmara recentemente: ora, se os políticos e os simpatizantes que defendem o Projeto da Cura Gay têm o poder de transformar a orientação sexual de um indivíduo, não teriam uma vacina contra a Covid – 19? Um verdadeiro deboche!

Não muito distante do anterior, o meme F faz uma brincadeira com o jogo intertextual ao colocar dois elementos interessantes e, como resultado, brota o humor ácido: 1. O uso rotineiro do álcool em gel, a 70%, que se tornou uma prática rotineira e foi incorporada à cultura de higiene de grande parte da população brasileira e 2. O resultado da Pesquisa Data Folha (GIELOW, 2020)³, quando apontam que 70% da população brasileira classifica em ruim/péssimo o governo do presidente Jair Bolsonaro. Vários memes como o citado foram compartilhados, junto com a hashtag #Somos70PorCento, que movimentou as redes sociais e teve aderência de muitos famosos.

O meme G satiriza, de maneira escrachada, parte da população que ainda apoia o Governo Federal. Nele, esse público é tratado como “retardado” e mesmo sabendo que trata-se de um transtorno neuropsiquiátrico incurável, o uso aqui se aproxima de um adjetivo: se mesmo em face da maneira amadora da gestão federal em lidar com a pandemia do novo corona vírus no Brasil, o sujeito ainda opta por apoiá-lo, talvez seu problema seja de limitações cognitivas, sendo, portanto, doente.

A OMS tem sua própria métrica no que diz respeito à catalogação dos casos referentes ao novo corona vírus. São mecanismos bastante sérios e rígidos e que têm respaldo de profissionais renomados da área da Saúde. Mesmo em face disso, o Governo Federal, por conta própria, decidiu realizar o processo de recontagem de infectados, mortos e recuperados, utilizando recursos escusos. Para o governo, estava havendo um complô entre os governadores estaduais contra a sua administração, com apoio da mídia, dita por ele de ‘sensacionalista’.

Assim, houve uma nova diagramação no site oficial do Governo Federal⁴ e o foco, conforme o site Corona Vírus Brasil (BRASIL, 2020, não paginado), está apenas na quantidade de recuperados e não no contingente de infectados e mortos. Em adição, o próprio horário de atualização dos dados, que antes era em torno das 19h, passou a ser às 21h do dia. O meme H faz essa crítica, ao confirmar que o Brasil destoa do resto do mundo ao simplesmente ignorar a contagem de pessoas que foram infectadas e mortas.

O tom de escárnio assumido por esses memes tem sua potência na autoria, na multimodalidade e no processo intertextual: novas remixagens das imagens (OLIVEIRA, 2020), de cenas de filmes, fotografias, letras de música colaboram no processo meteórico de criação, propagação e fortalece a cultura do compartilhamento (SILVA, 2018). A própria rapidez com a qual são compartilhados, também contribui para que alguns memes sejam considerados sucesso e alcance um grande número de praticantes culturais das redes, sobretudo porque pode ser considerado uma dispositivo de militância política, uma vez que, mesmo diante da negação da calamidade nacional em que o Brasil está imerso, o país ocupa o segundo lugar no número de casos confirmados – mais de 1 milhão de contaminados – com mais de 50 mil mortes⁵.

#Covid19BR e Isolamento Social

A paisagem forjada pela disseminação do novo coronavírus obrigou o mundo a se isolar. Por ser um vírus de contágio rápido e ainda não existir uma vacina contra a Covid-19, até agora a maneira mais eficaz de controlar a sua propagação se dá por meio do isolamento social, atrelado ao uso de equipamentos de proteção individual, como máscaras. Por estar ligado a um

³ C.f. “Em referência ao Datafolha, Oposição diz ser maioria”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/30/oposicao-e-bolsonaristas-disputam-tags-contras-e-pro-bolsonaro-no-twitter.htm>. Acesso em: 25 maio 2020.

⁴ Governo muda painel para destacar casos recuperados de Covid-19. Correio Brasiliense. 20 maio 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/05/20/interna-brasil.856915/governo-muda-painel-para-destacar-casos-recuperados-de-Covid-19.shtml>. Acesso em: 10 jun. 2020.

⁵ O número exato de contaminados até o dia 21/06/2020 era de 1.070.139 pessoas. O número de vidas que foram perdidas para o vírus, 50.058. C.f. Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

comportamento voluntário, no qual o indivíduo se abstém de estar em contato com outras pessoas e evitar aglomeração, esperava-se que o sentimento de cuidado coletivo fizesse parte da sociedade, todavia, não é difícil de notar que pessoas se continuam se aglomerando em diversas situações, mesmo diante de tantas mortes.

Embora a OMS sugira que a taxa adequada de isolamento social deva estar acima dos 70%, no Brasil este número está longe de ser conquistado. Conforme a empresa de software 'In Loco', que é a responsável por aferir a taxa de isolamento social através da tecnologia de geolocalização nos *smartphones*, na primeira semana do mês de junho de 2020, apenas 34.9% da população brasileira aderiu ao isolamento.

Figura 6 – #Covid19BR e Isolamento Social



Fonte: Facebook (2020).

Importante deixar registrado que na última quinzena do mês de junho **NENHUM** estado brasileiro sequer alcançou 50% de taxa de isolamento social⁶, a saber: o menos ruim é o Acre, com 44.36% e o pior é o Estado do Tocantins, com a taxa de

⁶ Para uma leitura atualizada e pormenorizada da situação de todos os estados brasileiros, consultar Mapa Brasileiro da Covid-19 (2020). Disponível em: https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/?_hstc=227211714.132327f7375cef0592dfd847615b4b7e.1592755218282.1592755218282.1592755218282.1&_hssc=227211714.1.1592755218306&_hsfp=1821503003&hsCtaTracking=68943485-8e65-4d6f-8ac0-af7c3ce710a2%7C45448575-c1a6-42c8-86d9-c68a42fa3fcc. Acesso em: 21 jun. 2020.

35.70% de isolamento social. Isso faz com que a OMS se preocupe particularmente com o Brasil, uma vez que o país tende a ter um colapso na sua rede hospitalar.

Em oposição a esse cenário, a categoria temática de que trata esta seção tem sua coluna de sustentação no achincalhe e na zombaria de si próprio: ao fazer chacota dos sentimentos oriundos do isolamento social, os memes editam novas maneiras de se encarar as situações de segregação ocasionadas pela pandemia vigente.

Isto posto, o meme I caçoa de uma cena quase rotineira quando dos primeiros dias de isolamento social: a busca incessante por sintomas específicos do coronavírus. Qualquer manifestação que se assemelhe aos casos publicizados pelos noticiários e pelas notas informativas dos órgãos de Saúde é um indício para a própria anamnese e, conseqüentemente, para o veredito de se constituir em mais um caso para as estatísticas. O meme brinca com a condição psicológica que ultrapassa a real possibilidade de contágio, haja vista que a literatura médica não prevê reincidência de infecção pelo vírus, mas, para as subjetividades que são reeditadas pelo meme é muito possível.

O meme J, por sua vez, faz um trocadilho linguístico divertido e associa imagem, palavras cuja construção etimológica é a mesma, sem, contudo, serem sinônimas no contexto de uso e o recorte histórico experienciado: o isolamento social faz com que as pessoas vivam em um cruzeiro dentro da própria casa. Esse jogo de palavras aponta, sem dúvida, novos processos de remixagem dos sentimentos e das vivências advindas da reclusão social e contribuem para que, por intermédio do humor despretenzioso, o estresse seja amenizado.

Na mesma linha de raciocínio anterior, pode-se afirmar que o meme K é a personificação do estágio emocional que vem *a posteriori* do isolamento. Trata-se de um retrato, muito bem-humorado, do *ethos* do habitante da quarentena que está chegando ao segundo mês do isolamento social: é um híbrido de avestruz e macaco, cujos olhos, sorriso e decalque do que seria uma cabeleira denotam o desajuste emocional, mas a galhofa com a qual foram apresentados surpreendem e incitam ao riso frouxo.

Que cachorros, gatinhos e toda a sorte de animais fofos e engraçados são queridinhos da internet isso já é sabido há tempos. Porém, quando associados aos memes, parece que recrutam para si muito mais atenção e visibilidade. No caso do meme L é mais uma situação irreverente de construção do gênero: dois cães 'cuidando' para que sua dona, uma suposta idosa, fique em casa. E isso utilizando a 'força' (o cão que está na parte superior puxa o cabelo da senhora, enquanto o que está na parte inferior). O meme problematiza a necessidade dos idosos manterem o isolamento social, considerando serem os mais atingidos quando se analisa a faixa etária de mortes pela Covid-19, mas o faz de forma leve e engraçada, o que pode espantar o fatídico medo da morte.

Em um país quente e acolhedor como o Brasil, sem dúvida alguma o isolamento social se torna bem mais difícil. Aqui, a cultura tende a ser mais calorosa, festeira e estar afastado dos seus entes familiares e amigos, decerto é algo pesado. Os memes apresentados nessa categoria temática divertem e ressignificam o estresse acentuado pelo distanciamento social.

#Covid19BR e Reinvenção do Cotidiano

É perceptível que ações cotidianas foram reinventadas dado o contexto da pandemia da Covid-19. Tarefas simples e rotineiras como lavar as mãos, higienizar alimentos, ser mais comedido e educado na hora de tossir ou espirrar, evitar lugares fechados e dar atenção aos sinais do corpo e do ambiente rumaram para um caminho de policiamento individual e também coletivo.

Se por um lado tais ações foram intensificadas, por outro demonstrou que a população, em grande parte, sequer sabia lavar corretamente as mãos. A pandemia evidenciou, também, as diferenças sociais existentes no Brasil: gente que não tinha água encanada, saneamento básico, alimento. E isso foi mais forte, porque agora fora tratado como novidade a ponto de causar um certo estranhamento, haja vista que os invisíveis passaram a ser pauta dos jornais impressos e televisionados. Em acréscimo a isso, muitas ações de solidariedade coletiva puderam ser vistas: doações, campanhas, *lives* de artistas em prol dos mais necessitados, afloramento do sentimento de empatia.

Figura 7 – #Covid19BR e Reinvenção do Cotidiano



Fonte: Facebook (2020).

Neste sentido, olhar para dentro - de si, do ambiente -, fez com que o exercício da reflexão trouxesse a possibilidade da sociedade se reinventar. Logo, a categoria temática em voga traz um *corpus* de memes que visibilizaram reinvenções de atitudes rotineiras, mas que no contexto de pandemia foram vistos sob outro prisma. E mais uma vez o binóculo da pilhéria contribui para amenizar e enxergar sob uma égide distinta a reinvenção dos cotidianos.

Destarte, pode-se verificar no meme M algumas situações cotidianas reconfiguradas atualmente: experimentar um simples pudim já não é uma corriqueira tarefa, mas se transformou em um dispositivo potente de aferição do possível contágio do vírus, haja vista que alguns infectados disseram perder o olfato e paladar. Agrega-se a isso a ansiedade materializada em comer a todo instante, sob a desculpa de verificar o grau de saúde.

O meme J satiriza um desenho animado antigo, criado em 1962: Os Jetsons. No referido desenho de mais de 40 anos atrás, era apresentado um cenário futurista da humanidade. Tão logo a pandemia se instalou e o isolamento social se tornou presente, o meme recupera e atualiza a vivência atual sob a perspectiva do mundo apresentado naquela animação, ilustrando, inclusive, com comparações presentes no desenho com a situação atual (videoconferências, consultas médicas, aulas de ginástica via streaming, videochamadas com familiares, etc.)

No meme O é apresentada a higienização desvairadamente humorística de combate à disseminação do vírus e que beira o absurdo: lavar um pacote de farofa. Mesmo sabendo da importância de higienizar e desinfetar as embalagens de supermercado, por serem possíveis vetores do vírus, o meme rechaça e debocha dessa nossa condição de estar sempre alerta a qualquer indício ou possibilidade de contaminação. Nada deve escapar do elixir água + água sanitária ou do poderoso álcool a 70%.

Fazer compras, em contextos de pandemia, também se constituiu algo a ser reinventado. No caso do meme P, a problematização coloca em evidência um novo comportamento do brasileiro no contexto de isolamento social. Conforme a Associação Brasileira de Comércio Eletrônico (ABComm), ao se fazer um recorte entre os meses de fevereiro e março e se comparar com o mesmo período de 2019, o consumo de alguns produtos aumentou de forma exponencial: produtos de saúde (111%), supermercados (80%) e beleza e perfumaria (83%). Em relação ao álcool em gel o aumento foi de vertiginosos 5.000%, de produtos para higiene íntima, 98% e sabonetes, 58% (MARINS, 2020).

Partindo do pressuposto de que lavar as mãos com água e sabão é tão eficaz quanto o uso do álcool em gel, o consumo reflete um pensamento brasileiro escamoteado por esse consumo: a busca exacerbada pelo produto revela que não é visto apenas como higienizador, mas como um poderoso antídoto! Posto isto, no meme P há um esculacho visível no que diz respeito ao exagero de produtos de higiene íntima, como se fosse faltar papel higiênico no mercado e de seu uso dependesse a vida e a saúde da população.

A categoria temática endossa o que a narrativa de memes reitera: o uso do humor e da comicidade como estratégias utilizadas a fim de tornar leve o peso do isolamento social e como forma de causar riso e graça em processos cotidianos, mas que tiveram uma nova edição no contexto de pandemia do novo coroa vírus no Brasil.

#Covid19BR e Futuro pós-pandemia

Muitas tergiversações têm sido feitas diante do que seria o futuro após a pandemia. Se nos países que vivenciaram a quarentena e o isolamento social de maneira efetiva e séria, os novos modos de ser e existir vêm sendo ressignificados, no Brasil um leque multifacetado se abre, considerando muitas questões, que vão desde os aspectos sociais, culturais, econômicos. Muitas questões são discutidas sobre o futuro da sociedade, da família e da escola.

Assim sendo, cremos ser um pouco difícil prever como será esse 'novo normal', muito embora há quem diga que nunca estivemos em condição de normalidade, principalmente ao se considerar o catastrófico problema de desigualdade social a que o país está acometido. Mas com base em outras pandemias que o mundo já experienciou é taxativa uma afirmação: nada será como antes.

Sob essa nuance que agora desponta, as narrativas meméticas também deram conta de refletir e de escarnecer o que seriam os novos contornos sociais pós-pandemia. No meme Q o exagero: se em períodos de isolamento social a aglomeração é algo a ser evitado, em um futuro próximo, estar entre amigos vai ser o imperativo! Sem medo de contaminação, sem preocupação com máscaras, sem necessidade do excessivo cuidado a que todos foram submetidos nos últimos tempos.

Figura 8 – #Covid19BR e Futuro pós-pandemia



Fonte: Facebook, 2020.

Por sua vez, o meme R representa como a Cibercultura pode reconfigurar e atualizar o próprio meme. No caso, o meme da emblemática vilã Nazaré Tedesco⁷, personagem de uma famosa novela veiculada em 2005 e que voltou à tona em um contexto ubíquo e cambiante das narrativas meméticas, brinca com o futuro. A sua feição, associada a uma série de cálculos da Matemática, demonstram preocupação, mas acima de tudo, escancaram os não-saberes. Da mesma maneira como a vilã do folhetim não tem condições de saber o resultado das expressões escabrosas do Teorema de Pitágoras e da Trigonometria, não é possível prever o mundo após a pandemia.

Indo de encontro, o meme S, por sua vez, apresenta uma visão um tanto quanto futurista e caçoada do que será a sociedade pós-pandemia e explora um quesito bastante comum no que tange às práticas sexuais na Cibercultura, que é o envio de fotos íntimas (nudes). No futuro pós-pandemia o excitante será o envio de 'nudes do rosto', ironizando a prática atual. A marca de bronzeamento do biquini ou da sunga será substituída pela marca da máscara. #Risos

Por fim, o que parece ser o mais apocalíptico de todos os que foram apresentados nesta categoria temática, o meme T traz o estereótipo do turista abobalhado, que desconhece absolutamente tudo naquele lugar e o lugar é o mundo. Para o meme, o mundo pós-pandemia reserva o desconhecido, o incalculável, o inimaginável, porém, pode causar o deslumbramento que a

⁷ Para informações criativas e divertidas sobre a famosa personagem, consultar: https://viloes-brasil.fandom.com/pt-br/wiki/Nazar%C3%A9_Tedesco#:~:text=%E2%80%94%20Nazar%C3%A9%20Tedesco%20para%20Gilmar..atriz%20Adriana%20Esteves%2FRenata%20Sorrah. Acesso em: 19 jun. 2020.

emoção de todo começo traz, da mesma forma como estar em um lugar mágico e encantador. Para além do riso superficial, é de se esperar que a pandemia do novo coronavírus tenha despertado uma inteligência coletiva global (SANTOLINI, 2020.)

Embora o medo, a ansiedade e o receio do porvir possam se fazer presentes na sociedade brasileira quando se pensa no futuro pós-pandemia, sem dúvida alguma as narrativas de memes funcionam como um bálsamo no sentido de acalantar e, através do sarcasmo, brincar com as situações de calamidade, de problemas e de eventos não tão prazerosos que certamente tendem a se fazer presentes tão logo a vida retornar ao seu fluxo natural. Finalmente, nem o futuro está longe de ser tocado pelo deboche, pelo humor ácido e pela ironia presente nos memes.

5 Considerações Finais

O artigo buscou analisar as narrativas de memes em um grupo do *Facebook* e os temas que emergiram desses gêneros compuseram o arcabouço de 5 categorias temáticas. Essas, por sua vez, denotam de maneira explícita a explosão de sentidos que os memes abarcam quando utilizados nas redes sociais digitais e mais ainda, quando utilizados tendo como pano de fundo a pandemia do novo coronavírus.

Como foi discutido neste trabalho, os memes se constituem como um importante artefato incorporado na cultura digital, sobretudo nas redes sociais, lugar em que assume um lugar de destaque. Nesse sentido, as narrativas meméticas, pela rapidez, simplicidade e viralidade das quais estão embebidas, se configurem potências formativas no que diz respeito à disseminação de informações e potencialização do riso, do escracho e do deboche.

A pandemia, por si só, já incita o surgimento de posturas outras, às quais a sociedade estava acostumada. O isolamento social, também, afeta, potencializa e inflama sentimentos e novas maneiras de existir, uma vez que intensifica o estresse natural advindo do medo da contaminação. No entanto, as narrativas meméticas dos interagentes das redes sociais digitais, especialmente do grupo que serviu de lócus para esta pesquisa, funcionaram como um divertido e dinâmico processo de resignificação das existências.

Os memes, neste caso, serviram como um poderoso insumo que nutriu o processo de remixagem das vidas e dos cotidianos que estão entremeados pelo medo, pela ansiedade e pelo estresse ocasionados pela situação caótica, triste e dolorida a que estamos inseridos. Esses gêneros, portanto, com seu tom jocoso, debochado, irônico e surpreendentemente cômico, contribuem para que haja uma resignificação de vivências, temas, sentimentos e reorganização e atualização das subjetividades em contextos individuais e coletivos.



Fonte: Facebook (2020).

#VaiFicarTudoBem.

Embora o medo, a ansiedade e o receio do porvir possam se fazer presentes na sociedade brasileira quando se pensa no futuro pós-pandemia, sem dúvida alguma as narrativas de memes funcionam como um bálsamo no sentido de acalantar e, através do sarcasmo, brincar com as situações de calamidade, de problemas e de eventos não tão prazerosos que certamente tendem a se fazer presentes tão logo a vida retornar ao seu fluxo natural. Finalmente, nem o futuro está longe de ser tocado pelo deboche, pelo humor ácido e pela ironia presente nos memes.

Por fim, isso tudo vai passar! E certamente as narrativas meméticas que serão empreendidas das vivências pós-pandemia serão tão ricas, caras e humoristicamente acidez como é da própria natureza dos memes.

Referências

- ALMEIDA, Wallace Carriço de; OLIVEIRA, Rosemary dos Santos de; SANTOS, Edméa Oliveira dos. A discursividade dos memes: memetizando-se nas redes educativas. **Periferia: Educação, Cultura e Comunicação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 55-89, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/39246/29627>. Acesso em 18 maio 2020.
- BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto, 1994.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. Projeto de Decreto Legislativo. PDC 234/2011. Brasília, 2011. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>. Acesso em: 25 maio 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus Brasil. Brasília, 2020. Painel online. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 maio 2020.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CHAGAS, Viktor. “Não tenho nada a ver com isso”: cultura política, humor e intertextualidade nos memes das Eleições 2014. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 25., 2016, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/artigo-compos-2016-fullpaper2_3326.pdf. Acesso em: 1 jul. 2020.
- DUQUE, Tiago. Da importância de rir com Inês Brasil: Educação, Pânico Moral e “Ideologia de Gênero”. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPed, 38., 2017, São Luís. **Anais [...]**. São Luís: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2014. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT23_599.pdf. Acesso em: 15 jun. 2020.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre, Sulina, 2011. Disponível em: <https://tecnologiamidiaeinteracao.files.wordpress.com/2017/11/pesquisa-na-internet-fragoso-inteiro.pdf>. Acesso em: 20 maio. 2020.
- GIELOW, Igor. Rejeição a Bolsonaro bate recorde, mas base se mantém, diz Datafolha. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 28 maio 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/rejeicao-a-bolsonaro-bate-recorde-mas-base-se-mantem-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- GÔES, Geraldo Sandoval; MARTINS, Felipe dos Santos; NASCIMENTO, José Antonio Sena do. **Potencial de teletrabalho na pandemia: um retrato no Brasil e no mundo**. Brasília: IPEA, 2020. (Nota Técnica nº 47). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/200602_nt_cc47_mercado_de_trabalho_iii.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.
- HOECKELE, Matheus. **O meme como estratégia nas redes sociais: o case Gretchen**. 2017. 57 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/123456789/11000/1/MatheusMarquesHoeckeleTCCGraduacao2017.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- MARINS, Lucas Gabriel. Patê, sabonete e pornô: o que se vende no Brasil durante a pandemia. **UOL Economia**, 4 abr. 2020. Curitiba. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/04/produtos-mais-vendidos-coronavirus.htm>. Acesso em: 25 maio 2020.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus. **A ciência dos memes e os memes da ciência: divulgação científica e educação na cultura digital**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Tiradentes, Aracaju, 2020.
- PARENT IN SCIENCE. **Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade**. Brasil: Parent in Science, 2020. Disponível em: <https://www.parentinscience.com/>. Acesso em: 16 maio 2020.
- SANTOLINI, Marc. Comment le coronavirus a réveillé l'intelligence collective mondiale. **The Conversation**, United States, 4 abr. 2020. Disponível em: <https://theconversation.com/comment-le-coronavirus-a-reveille-lintelligence-collective-mondiale-135465>. Acesso em: 10 maio 2020.
- SILVA, Andréa Villela Mafra. Memes, educação e cultura do compartilhamento nas redes sociais. **Artefactum: Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2018. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1671>. Acesso em: 12 maio 2020.

Artigo submetido em: 22/06/2020.
Aceito em: 01/07/2020.

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia



Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.